

Velocidade arrancou protestos da população

Belo Horizonte — “Vai devagar pro povo acompanhar”. O apelo da população de Belo Horizonte, na praça Bagatelli, junto ao aeroporto da Pampulha, parecia prenunciar a tragédia que aconteceria horas depois, na Praça da Liberdade. O percurso muito rápido frustrou quem foi para a rua e só viu de relance o caixão com o corpo de Tancredo.

Na Praça da Liberdade a multidão frustrou-se ainda mais quando, comprimida e imprensada junto aos portões, via os convidados do Governo de Minas, até crianças — portando crachás especiais, e passeando tranqüilamente pelo jardins do Palácio. Com esses crachás, os mais de mil convidados e credenciados também tinham acesso especial, por uma porta dos fundos, ao saguão onde estava o esquife do Presidente.

Responsabilidade

Nos jardins do Palácio, o Governador Hélio Garcia procurou justificar a velocidade do cortejo: “A comitiva, já chegou atrasada de Brasília. Tivemos de apressar a passagem. É sempre assim; se o cortejo andasse devagar, cercado pela multidão, muita gente ia reclamar. Como foi apressado, também apareceu gente para reclamar”.

Para o Governador Hélio Garcia foram “as acanhadas instalações do Palácio da Liberdade” as maiores responsáveis pela tragédia: “O povo emocionado correu em massa ao Palácio para ver o seu líder. Lamento muito as mortes.

Trazendo nosso líder até a capital apenas foi cumprido um anseio do povo mineiro. Nada mais”. Enquanto o Governador se justificava, a todo momento passavam soldados do Corpo de Bombeiros carregando pessoas desmaiadas que haviam conseguido entrar no Palácio. Do lado de fora, soldados da Polícia Militar, desarmados, ajudavam as pessoas que eram comprimidas contra os muros a entrar nos jardins.

Até por volta de 17h, nos jardins do Palácio quase só se viam os convidados especiais e credenciados do Governo estadual. Os homens com ternos escuros — como pedia o cerimonial — alguns com suas mulheres e filhos conversavam tranqüilamente, formando pequenos grupos.

No saguão onde ficou o esquife, formaram-se duas filas: uma que andava muito rápido, apressada pelos soldados — que puxavam populares pelo braço — e outra, a das pessoas com crachá, que passava mais devagar. As pessoas tinham tempo, se quisessem, até para parar e fazer orações.

Disposição

A fila do lado de fora, a esta altura, já se estendia do lado de fora por mais de um quilômetro. As 17h15min, a última da fila era Zilda Maria da Silva, industriária desempregada, moradora no bairro de Nova Cintra. Ela era, naquele momento, o símbolo da disposição popular:

“Só saio daqui depois de ver o nosso Presidente. Já avisei as minhas filhas. Não tenho hora para chegar. Pode ser de madrugada ou amanhã”.

Dona Zilda não sabia que, apesar de tanta disposição, ela estava arriscada a entrar na fila falsa, formada por soldados da PM para tirar do palácio parte do povo

Belo Horizonte — Foto de Delfim Vieira



Nas ruas centrais, o povo foi mantido à distância

que entrava sem maior controle, nos jardins.

“O pior é que os guardas mandavam a gente seguir pelo caminho errado dizendo que íamos ver Tancredo”, queixou-se, revoltado, o estudante Giovane Caporale, de 21 anos. Também frustrada, a secretária Irene Oliveira, igualmente reclamou da fila falsa e do fato de não ter podido ver o rosto de Tancredo.

Angela Lopes da Costa, funcionária licenciada da Prefeitura, depois de ficar espremida junto às grades, conseguiu entrar na fila certa, e ver Tancredo, mas desabafou: “Se não morri hoje é porque devo ser imortal”.

Por volta de 17h30min, o passeio dos convidados pelos jardins deixou de ser tranqüilo: em alguns pontos estavam estendidas sobre a grama pessoas desmaiadas, ou passando mal, aguardando a chegada de ambulâncias ou viaturas oficiais.

Quem conseguiu acalmar um pouco a situação, evitando que as pessoas tentassem transpor, de qualquer maneira, os muros, foi o Arcebispo adjunto de Belo Horizonte, Dom Serafim Fernandes de Araújo. Ele pediu que as pessoas ficassem paradas e rezassem com as mãos para cima. Toda a praça repetiu com ele alguns cânticos religiosos. A partir daí, e com os repetidos apelos do Arcebispo, a situação começou a ser controlada.